

TERRITÓRIO E MORFOLOGIA URBANA EM PEQUENAS CIDADES: O QUE REVELAM?

Angela Maria Endlich¹

Resumo

Inúmeras e variadas, as pequenas cidades, são frequentemente associadas a espaços marcados pela tranquilidade, socialmente acolhedores, ou seja, sem as costumeiras contradições que marcam a sociedade capitalista. O território e a morfologia urbana podem contribuir na desmistificação destas interpretações equivocadas das condições sociais e humanas vivenciadas em tais espaços. Este é o objetivo deste trabalho. Com esta finalidade, o presente estudo estará baseado na análise dos territórios e da morfologia urbana a partir de imagens e plantas de cidades da região Norte Central paranaense. Do ponto de vista teórico, serão utilizados os referenciais que tratam de forma geral da temática da morfologia urbana, já que não são comuns estudos que tratem destes aspectos em pequenas localidades urbanas. É exatamente este o principal aporte deste estudo: mostrar por meio de uma expressão essencialmente material e concreta (o território e sua morfologia), nuances das relações sociais e humanas ali estabelecidas e das desmistificações necessárias. Recentemente, as pequenas cidades passaram a receber um pouco mais de atenção no meio acadêmico. Entretanto, os territórios ou espaços intra-urbanos destas localidades seguem como realidades ainda não contempladas adequadamente nos debates acerca da realidade urbana.

Palavras-chave: Morfologia urbana; Pequenas cidades; Norte do Paraná.

¹ Doutorado em Geografia. Professora do DGE/PGE – UEM. Grupo de Estudos Urbanos Maringá-Paraná/Brasil

Introdução

As pequenas cidades são frequentemente associadas a espaços marcados pela tranquilidade, socialmente acolhedores e sem as costumeiras mazelas que marcam a sociedade capitalista. Por isso, ao estudá-las, ainda que às vezes possa ser pertinente destacar seus atributos positivos, é fundamental a atenção às contradições sociais que nelas também podem ser encontradas. Olhar para o território e a morfologia urbana pode contribuir na desmistificação dessas interpretações equivocadas acerca das condições sociais e humanas vivenciadas em tais espaços. Com esta finalidade, o presente estudo está baseado na análise da morfologia urbana a partir de imagens e plantas de algumas cidades do setentrão paranaense.

Embora o recorte aqui se refira a uma região, os processos que motivaram este texto podem ser observados como uma tendência geral em pequenas cidades brasileiras. Entretanto, nos apegamos neste trabalho a cidades que já foram objeto da nossa análise em estudos anteriores, nos quais focalizamos as pequenas localidades na perspectiva da rede urbana. Nestas ocasiões apesar de fazermos referência ao espaço intra-urbano, esta dimensão de análise não foi suficientemente explorada. Neste trabalho procuramos enfocar de forma mais detalhada essa perspectiva de análise, aproveitando o material gráfico já preparado. Do ponto de vista teórico, serão utilizados os referenciais que tratam de forma geral da temática da morfologia urbana, já que não são comuns estudos que tratam destes aspectos em pequenas localidades urbanas. É exatamente este o principal aporte deste estudo: mostrar, por meio de uma expressão essencialmente material e concreta (o território e sua morfologia), nuances das relações sociais e humanas ali estabelecidas. Recentemente as pequenas cidades passaram a receber um pouco mais de atenção no meio acadêmico. Entretanto, os territórios ou espaços intra-urbanos destas localidades seguem como realidades ainda não contempladas adequadamente nos debates acerca da realidade urbana.

Análise e conclusões

Dividimos esta parte em dois pontos. O primeiro diz respeito ao referencial da morfologia urbana de forma geral. O segundo ponto refere-se à tentativa de analisar, nesta perspectiva, os territórios de algumas pequenas cidades.

Referenciais para o estudo da morfologia urbana

Este tipo de estudo diz respeito a vários aspectos compreendidos dentro da análise intra-urbana. Por isso, várias pesquisas desenvolvem ou abordam facetas vinculadas a esta temática. Entre as contribuições mais diretas ao tema estão os estudos elaborados por Capel (1983 e 2002), que adotamos como referencial principal para esta análise.

A primeira referência mencionada mostra que áreas da cidade que podem ser visualmente diferenciadas estão relacionadas a períodos históricos diferentes de formação. A diferenciação visual pode tomar como referência tanto o plano como a paisagem urbana.

Na segunda referência, denominada “La morfologia de las ciudades” e praticamente um tratado sobre o tema, encontra-se, em convergência com a afirmação anterior, que o plano urbano é como um reflexo das etapas de crescimento da cidade e da sua evolução histórica. Ele alerta que a paisagem urbana constitui uma herança cultural de grande valor, como um palimpsesto – manuscrito que conserva as marcas de uma escrita anterior (CAPEL, 2002).

Ainda que a obra “Capitalismo y morfologia urbana em España”, enfoque especificamente a cidade daquele país, é possível apreender essa dinâmica e considerá-la em realidades diversas (CAPEL, 1983). O autor sistematiza as etapas de expansão urbana e reconhece nas cidades as seguintes morfologias:

Os cascos antiguos (Centros históricos)

Área que quando presente na trama urbana, ela mesma revela que se trata da cidade pré-industrial. Frequentemente rodeada de muralhas no passado, corresponde atualmente a uma pequena parte em relação às dimensões atingidas pelas cidades atuais (em especial aquelas que podem ser consideradas como médias ou grandes). Para algumas cidades, afirma Capel, estes cascos correspondem a heranças de mais de 2 mil anos². Elas podem ser reconhecidas principalmente pelos aspectos das suas vias estreitas, com pavimentação diferenciada, além do tipo de edificação (quando mantido). Tais características urbanas tornaram-se inapropriadas com a revolução industrial,

² Como por exemplo Tarragona, antiga Tarraco, atualmente uma cidade média que preserva uma grande herança do período romano: anfiteatro, circo, muralhas, entre outros.

quando as cidades ganharam novos habitantes, atividades econômicas e novo ritmo com fluxos impulsionados quantitativa e qualitativamente. Diversas fontes mostram que a cidade tornara-se inadequada e insalubre, com suas vias consideradas estreitas, sombrias e úmidas. Mesmo passando por reformas que permitiram adensar a população estas áreas foram insuficientes, levando a derrubada de muralhas e a expansão das cidades.

Ensanches (Áreas de expansão urbana)

A expansão das cidades tornou-se um desejo e uma necessidade da população. Aplicaram-se nesta etapa histórica em várias cidades, como cita Capel (1983), a planificação urbana promovida pelo Estado. Neste caso, é possível reconhecer estas áreas pela sua rígida geometria com planos ortogonais, muito visível no ensanche de Barcelona, planejado por Ildefonso Cerdá. Em geral, foram concebidas como áreas de residência destinadas à burguesia e classe média, pois eram as únicas que podiam pagar os altos valores, conforme assinala Capel (1983). Ele lembra as diferenças em cidades menores, onde a burguesia continuara morando nos centros tradicionais. Como os ensanches tornaram-se áreas socialmente seletivas devido ao seu custo, não absorveram todo o crescimento urbano, pois não acolheram residências populares.

Extrarradio

A população trabalhadora e migrante que não conseguia viver nos ensanches foi se instalando nas periferias urbanas ou em núcleos rurais próximos a cidade. Portanto, o que está denominado como extrarradio contempla o resultado espacial deste processo. Em geral, o crescimento foi mais rápido que o ensanche, com solos mais baratos e distanciados da muralha e do núcleo principal. Em grandes cidades, ou inclusive em algumas médias, estas áreas formam atualmente uma área contígua com o núcleo histórico e com o ensanche. Apesar da contigüidade que se percebe por vias que foram se estendendo, é possível observar na trama urbana que este processo gera uma cidade com disposição polinuclear e com rupturas na sua forma, trazendo uma desordem visível e decorrente do processo de conurbação.

Bairros inspirados em cidades jardins

Um pouco distanciadas da concepção original da cidade jardim e das suas intenções políticas, foram concretizando-se paulatinamente nas cidades áreas isoladas inspiradas em tais idéias, como alternativas em relação a cidades congestionadas e desagradáveis. Elas se propunham a reunir as vantagens de uma vida no campo, estando na cidade. Na morfologia urbana, pode-se dizer que tais áreas complementam o extrarradio, igualmente apenas conectados por vias de acesso, mas cuja trama representam claras rupturas e expressam o que são: áreas produzidas em etapas e com finalidades diferentes.

Barraquismo / autoconstrução (favelas ou áreas de autoconstrução)

Áreas que possuem como característica marcante a autoconstrução, ainda que com materiais mais sólidos, e possuem uma morfologia deteriorada com carências dos serviços mais elementares (CAPEL, 1983). São espaços que acolhem a população mais pobre, tornando-se enormes em grandes áreas metropolitanas. São produzidos muito rapidamente e à margem das normas urbanísticas e legais. Assim como a divisão dos lotes, as vias são muito irregulares. Afirmção do autor nos ajuda a mostrar que nem mesmo na Espanha e nas suas pequenas cidades se escapa do processo social que levam a produção destas áreas:

Del barraquismo no se salvan ni las pequeñas ciudades ni las ciudades estancadas o de débil crecimiento. Ello constituye sin duda la prueba más clara de que no se trata de fenómeno coyuntural, ligado al crecimiento rápido, sino de algo esencial en el tipo de desarrollo urbano de las sociedades capitalistas: es en definitiva, un resultado de la existencia de unas clases sociales explotadas y miserables.

Polígonos de moradias

Resultado de operações urbanísticas para resolver o problema de escassez de moradias, especialmente da classe trabalhadora. Com preços mais baixos, baixo padrão de construção, localização periférica e com problemas de integração ao restante da cidade, resultam de iniciativas públicas ou privadas, porém geralmente com financiamento estatal. No plano urbano, observa-se que a trama é geralmente geométrica e uniforme, assim como na paisagem revela-se como uma arquitetura

repetitiva.

São estas formas que foram diferenciadas pela paisagem ou no plano urbano, como já exposto. Contudo, para sua adequada compreensão é preciso estar atento à história e a dinâmica social que as produziram. A identificação destas áreas e as explicações de seus atributos, agentes e razões pelas quais surgiram, são pontos significativos, porque nos mostram que um olhar atento ao plano e ao território de nossas cidades pode nos levar a um exercício similar.

Território e morfologia urbana em pequenas cidades

Como praticamente a maioria das pequenas cidades do Norte do Paraná, as sedes urbanas dos municípios que tomamos para este estudo (Colorado, Querência do Norte, Rondon e Terra Rica) foram planejadas antes de serem instaladas, ainda que como modestos esboços. Assim, a ocupação das pequenas cidades obedeceu inicialmente a uma racionalidade territorial mínima, que pode ser visualizada nas suas plantas. Contudo, nas décadas seguintes foram adicionadas novas áreas resultando nas formas que igualmente podem ser visualizadas na série de plantas urbanas (Planta 1 a 4), no item denominado Material Gráfico.

Iniciamos com uma descrição, na qual destacamos as principais características encontradas nesses pequenos centros urbanos, o traçado urbano, composição e outros elementos que despertaram a atenção em cada um deles:

Colorado tem traçado ortogonal, como o da maior parte das cidades. Possui duas avenidas principais que se cruzam, sobrepondo-se diagonalmente a este traçado conformando a área central (Planta 1). O comércio não se concentra apenas nestas avenidas, ao contrário, apesar de estar presente nelas, encontra-se disperso em diversas ruas da área central, o que dá uma aparência diferente das demais cidades pequenas, nas quais, em geral, concentram-se as atividades comerciais em duas ou três avenidas. A cidade apresenta uma disposição territorial bastante dispersa, e algumas áreas mais pobres ficam muito afastadas, como o Jardim Cairi e o Conjunto Habitacional das Laranjeiras. No entanto, o Jardim Progresso, a despeito de sua denominação, é o mais precário da cidade e o caso mais notável, pois fica isolado a oeste da área urbana, com acesso pavimentado para automóveis apenas pela rodovia, embora próximo de outros conjuntos habitacionais e loteamentos. O local é conhecido como Buracão, pois há uma

ravina entre ele e o Jardim das Palmeiras, que isola o Jardim Progresso do restante da cidade. Houve, na década de 1990, um projeto denominado Parque Ecológico Água da Cachoeira que pretendia resolver o problema com a construção de um parque, com pistas para caminhadas, áreas com churrasqueiras, brinquedos, etc. Entretanto, duas décadas depois, pode-se observar que o referido projeto não se efetivou.

O plano urbano de Querência do Norte é igualmente ortogonal. A singularidade no traçado está em duas avenidas - Avenida Brasil Paraná e a Avenida Santos Dumont. Cada uma delas circunscreve uma área de formato aproximadamente retangular composta por trinta e oito quarteirões inteiros e quatro quarteirões com os ângulos recortados ao meio, o que dá um formato circular nas extremidades do desenho geométrico das avenidas (Planta 2). A principal via é a Avenida Porto Alegre, onde se concentram as principais atividades comerciais e de prestação de serviços. Entretanto, outras vias na área central são utilizadas para essa finalidade. Na planta da cidade é possível perceber que a parte planejada inicialmente possuía terrenos maiores. As áreas mais recentemente incorporadas, ocupadas pela população mais pobre, possuem terrenos menores e distantes da área central. Há um loteamento, oficialmente denominado Vila Mário, mais conhecido como Meias datas. Nas proximidades do mesmo, estão conjuntos habitacionais e residências precárias e de pequenas dimensões, onde vivem famílias com renda muito baixa. Por outro lado, nas ruas e avenidas da cidade, observam-se diversas residências de melhor padrão, construídas recentemente, sendo esta uma característica notável na paisagem deste pequeno centro urbano. Outro elemento que desperta a atenção é a falta de asfalto na área urbana. Isto faz a cidade parecer menor do que é, pois para quem passa pela avenida principal e olha as ruas paralelas, vê poucos quarteirões asfaltados à direita e à esquerda. Mas o fim do asfalto não representa o limite da aglomeração urbana. A cidade segue sem asfalto por alguns quarteirões.

Quanto ao núcleo urbano de Rondon, o traçado inicial era semi-radial. De uma praça circular, onde agora se localiza a rodoviária projetavam-se ruas e avenidas, no sentido oeste, numa lógica, segundo a qual, provavelmente previa-se uma expansão que incorporaria os demais sentidos a partir deste ponto central. Contudo, a formação de ravinas exigiu a construção de tubulação para o escoamento das águas pluviais e a remoção de diversas casas, comprometendo a expansão deste plano radial no sentido leste. Por esse motivo, a forma da cidade ficou bastante longitudinal, o que prolonga as

distâncias. A praça que deveria ser central ficou isolada (Planta 3). A Avenida Brasil, que é a principal, juntamente com as demais avenidas, possui largos canteiros centrais, com muitas árvores e calçadas dos dois lados dos canteiros, utilizadas por pedestres. Na área da planta original, a cidade é bem arborizada, tranquila e silenciosa. Nas áreas periféricas e nos novos conjuntos habitacionais, verifica-se a perda da qualidade do desenho urbano, pois nelas os terrenos são bem menores, as ruas mais estreitas, além de ficarem afastados do centro da cidade, aumentando as distâncias que os moradores devem percorrer para ter acesso às áreas melhor equipadas da cidade. O loteamento denominado Aeroporto, por exemplo, onde vive parte da população com menor renda do município, fica isolado pela rodovia. Não é um local adequado para moradia, especialmente para crianças, já que é barulhento e perigoso.

Na cidade de Terra Rica, o traçado urbano também é ortogonal. Torna-se um pouco linear, pois na área norte do perímetro urbano possui apenas três quarteirões ocupados no sentido leste e dois no sentido oeste da Avenida São Paulo, principal eixo viário da cidade. Já ao sul, a cidade adquire um formato mais quadrangular, com vários quarteirões a partir da avenida principal. Todos os quarteirões possuem um formato quadrado. Apenas a praça, onde se localiza a igreja, possui um formato de losango. A maior parte dos estabelecimentos comerciais localiza-se na avenida principal, o que reforça a morfologia linear da cidade (Planta 4). A cidade foi projetada para abrigar uma população de aproximadamente cinquenta mil habitantes, ou seja, havia um ímpeto de crescimento da região que criava essa expectativa, nesse e em muitos outros municípios da região. Por esse motivo, as avenidas são compridas e locais onde haviam sido previstas praças são agora ocupadas com pastagens. Com lógica de estruturação urbana similar às demais cidades, as famílias mais pobres moram na periferia, onde as moradias são diminutas e precárias.

Constatações como estas exigem que se observe que, guardadas as devidas proporções, estas pequenas cidades também expressam em sua paisagem as diferenças na distribuição de renda e de acumulação de riquezas. Portanto, embora se fale de uma maior integração social, observa-se que a diferenciação social também já se encontra materializada territorialmente nas pequenas cidades. É certo que a complexidade é menor em relação ao que se poderia identificar nas grandes ou médias cidades brasileiras. Ao observar o plano e a paisagem dessas cidades é possível reconhecer três tipos de áreas, considerando-se as pequenas cidades do Norte do Paraná:

Núcleo inicial planejado: A rede urbana desta região foi constituída a partir do planejamento de uma empresa, a CMNP, que criou cerca de 60 localidades. À rede decorrente da ação desta companhia adicionou-se outras localidades criadas por outras iniciativas, mas que seguiam procedimentos idênticos ao da referida empresa. Assim, as localidades surgiam antes em pranchetas, ou seja, eram minimamente planejadas. Como já assinalamos antes, este tipo de ocupação explica significativa parte do setentrião paranaense, ainda que aqui mostremos apenas quatro plantas urbanas. É possível observar nas quatro plantas esse planejamento inicial. Há, em todas elas, áreas visualmente mais organizadas, com vias mais largas, quarteirões e lotes amplos. O acesso as vias principais é bastante facilitado e observa-se contigüidade na trama urbana. Estas localidades, surgidas no período da economia cafeeira, contavam com uma população urbana relativamente baixa em relação à população total dos seus respectivos municípios, mas tinham claro papel na vida regional, pois eram centros locais de suprimento dos serviços básicos que davam suporte à vida e à economia baseada na cafeicultura, cultivada em pequenos estabelecimentos agrários. Com as mudanças econômicas ocorridas na região por meio da substituição de culturas, modernização da agricultura e concentração fundiária, o campo foi esvaziado, o que se refletiu na diminuição da população total de muitos municípios. Entretanto, as áreas urbanas das localidades cresceram em decorrência do fluxo vindo do campo que ficaram contidos dentro do município e se instalaram nas suas sedes. As áreas inicialmente planejadas foram insuficientes.

Conjuntos habitacionais – Houve um déficit de moradias gerado neste período, pois a área urbana planejada inicialmente não pode abrigar os novos cidadãos, ora pela sua insuficiência, ora pelo custo dos terrenos ainda existentes no plano inicial. Assim, neste período observou-se por toda a região a criação de conjuntos habitacionais. Apreende-se com dados da Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar), como foi expressiva a atuação estatal na produção de moradias no Noroeste do Paraná. Estes dados não respondem pela totalidade de investimentos no setor, no entanto, permitem dimensionar tais iniciativas. Consta que em Colorado foram 24 empreendimentos e 995 unidades habitacionais; em Querência do Norte, foram nove empreendimentos e 273 unidades; em Rondon, também foram nove empreendimentos, com o total de 347 unidades habitacionais; por fim, em Terra Rica, foram sete empreendimentos que somam 452 unidades habitacionais. Portanto, essa arquitetura que expressa a

intervenção estatal no suprimento de habitação faz parte da paisagem destas e das demais cidades da região. Estes conjuntos habitacionais começaram a ser construídos na década de 1970 e prosseguiram na década de 1980. No plano urbano é possível perceber que nestas áreas os terrenos são significativamente menores, as ruas mais estreitas e a paisagem mostra uma arquitetura repetitiva, posteriormente modificada por iniciativa de seus moradores. Quando criadas estas áreas eram distantes do núcleo inicial, entretanto aos poucos foram sendo integradas a este núcleo. Nas últimas décadas essa política de produção de moradias não teve continuidade.

Áreas de autoconstrução - As demandas por moradias nos últimos anos foram supridas ora por iniciativas municipais ainda mais precárias, ora por iniciativas dos próprios moradores que criam nestas cidades, senão o que podemos chamar de favelas, bairros de autoconstrução marcados pelo imprevisto e pobreza. Casas pequenas em lotes igualmente minúsculos, frequentemente sem asfalto, como se pode perceber nas descrições anteriores.

Deste exercício, é possível observar que, guardadas as devidas proporções, cada pequena cidade revela as contradições sociais marcadas pela lógica capitalista e que se contrapõem à lógica das necessidades humanas. Tal como afirmara Capel, desse processo não escapa nem mesmo as pequenas cidades, o que torna claro que não é uma questão conjuntural, de excesso de população e nem de falta de espaço, mas se trata da expressão material de uma sociedade dividida em classes sociais.

As pequenas cidades como pontos de forte papel residencial, em especial como local de moradia para trabalhadores, possuem essas áreas periféricas, onde a apazibilidade comum a elas já não se faz presente. Nas quatro pequenas cidades, as áreas adicionadas como conjuntos habitacionais e, principalmente aquelas decorrentes da autoconstrução, destoam daquelas previstas no planejamento inicial.

É comum observar que áreas são agregadas a essas pequenas cidades, sem arborização, com terrenos reduzidos, afastadas do centro da cidade, não raramente separadas por rodovias e, em muitos casos, sem pavimentação. Esse processo revela o descuido na implantação dessas periferias e confessa a forma inadequada como têm sido acolhidos nas cidades os novos cidadãos. A foto aérea de Rondon inserida no material gráfico é muito expressiva ao demonstrar essa realidade. Observa-se como é contrastante a área da cidade composta por conjuntos habitacionais e áreas de autoconstrução.

Nas plantas urbanas a diferenciação pode ser observada pela dimensão dos lotes e quarteirões significativamente diminutos nas áreas da periferia, mais visíveis em Colorado e Rondon. O processo, conforme já foi destacado, ocorre nas demais cidades, mas para percebê-lo é preciso atividades de campo, para observar suas paisagens e a condição social de seus moradores. A ligeira descrição apresentada pode ser feita com base nestes dois procedimentos: análise das plantas urbanas e o trabalho de campo.

Muito além de uma diferença na planta na paisagem urbana, a realidade revela uma condição social de vida inadequada, que dificulta a integração e a sociabilidade de seus moradores ao conjunto da vida urbana. Em cidades pequenas, a estigmatização pelo local de moradia não é impessoal, já que todos se conhecem, o que agrava ainda mais o problema.

Material gráfico

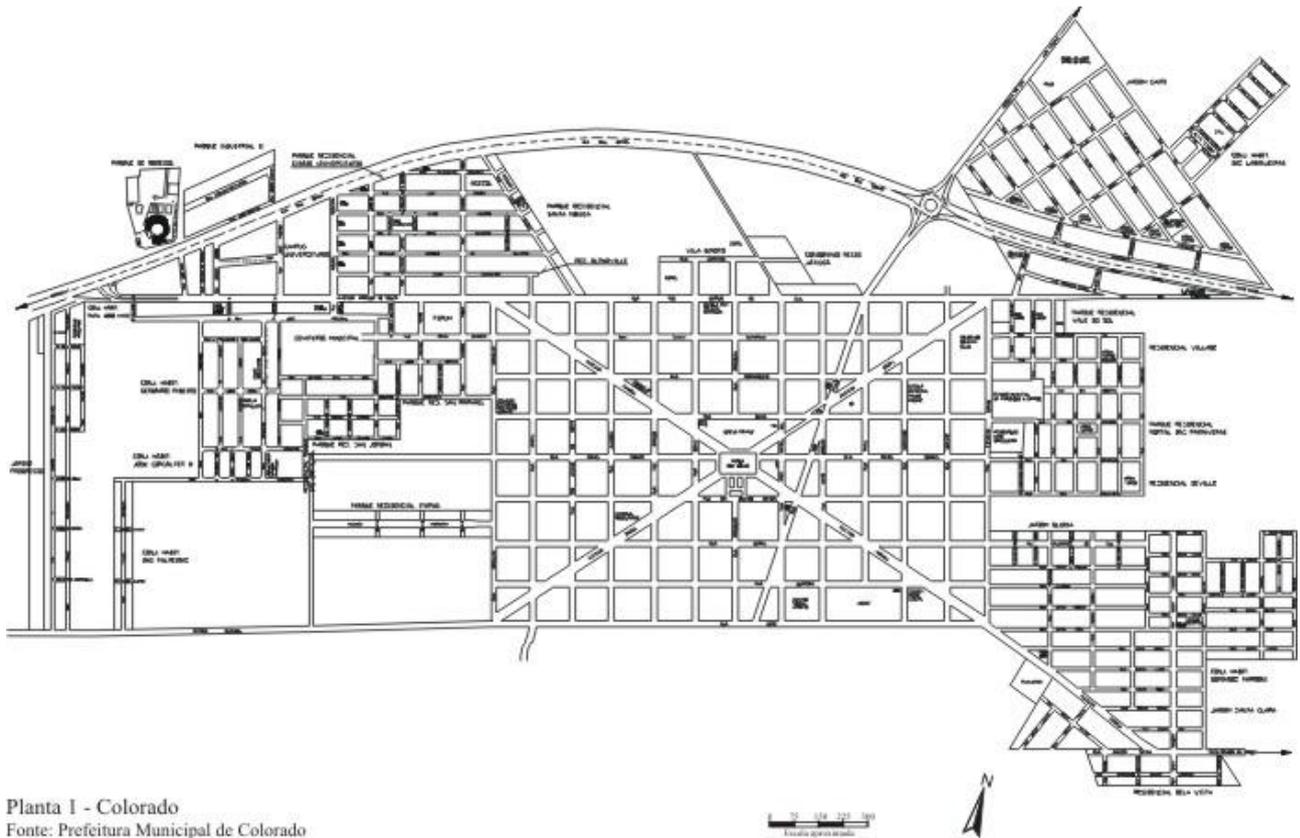
- ❖ Rondon – Vista aérea, 2004.
- ❖ Planta 1 – Colorado, 2004.
- ❖ Planta 2 – Querência do Norte, 2004.
- ❖ Planta 3 – Rondon, 2004.
- ❖ Planta 4 – Terra Rica, 2004.



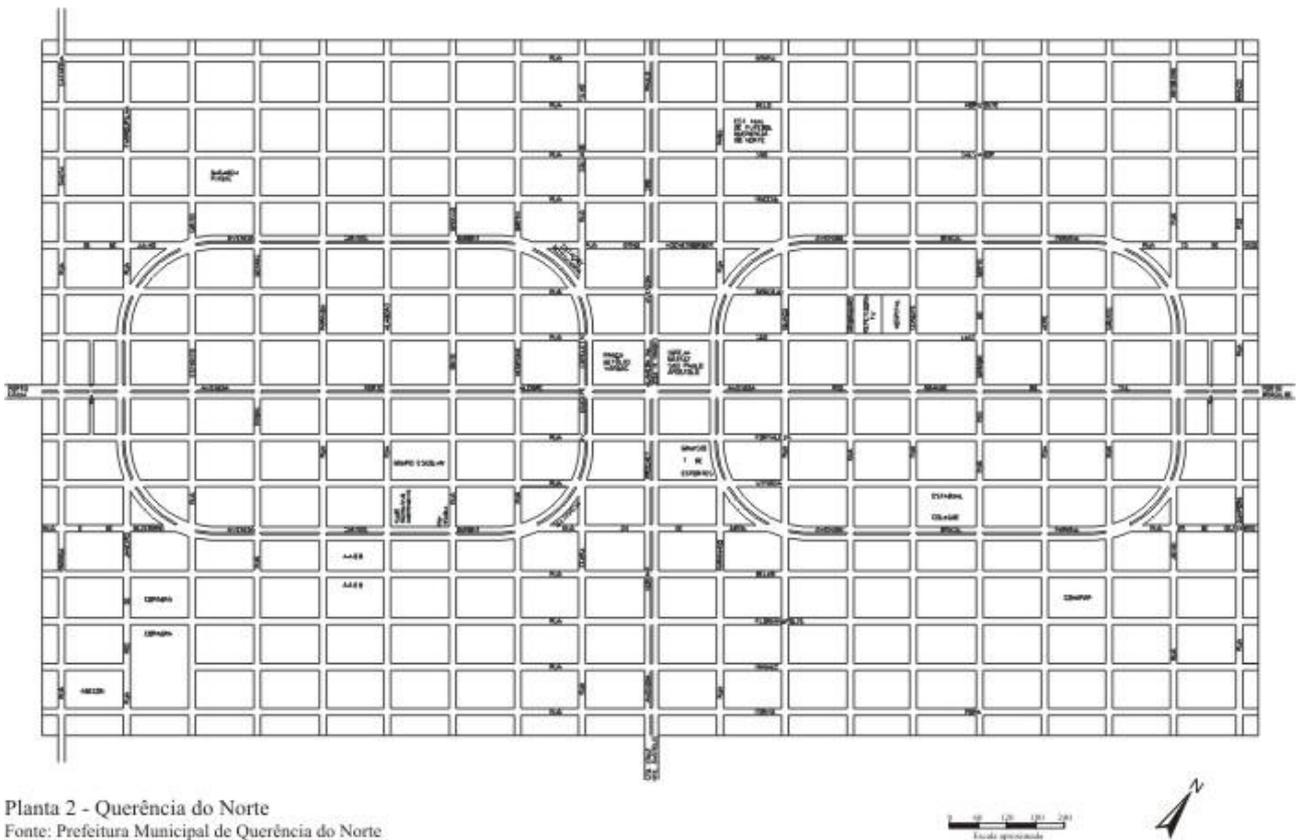
Rondon, Vista aérea

Fonte: *Rondon*, Administração Popular, 2004.

Território e morfologia urbana em pequenas cidades: o que revelam?
Angela Maria Endlich



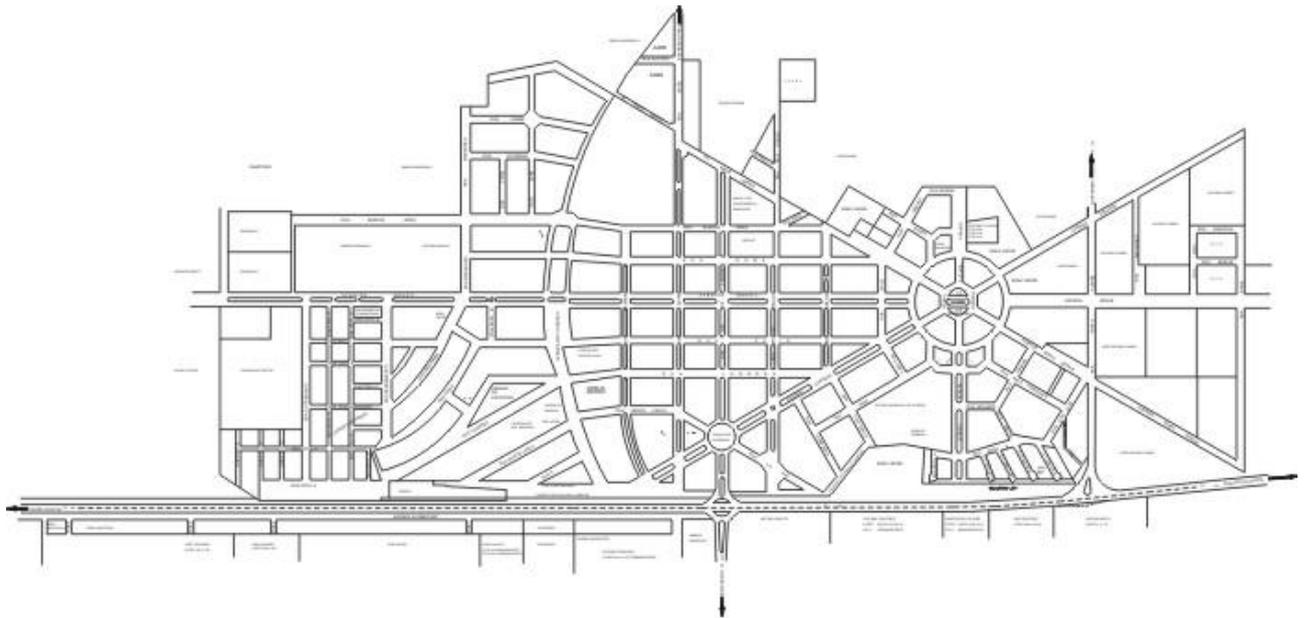
Planta 1 - Colorado
Fonte: Prefeitura Municipal de Colorado



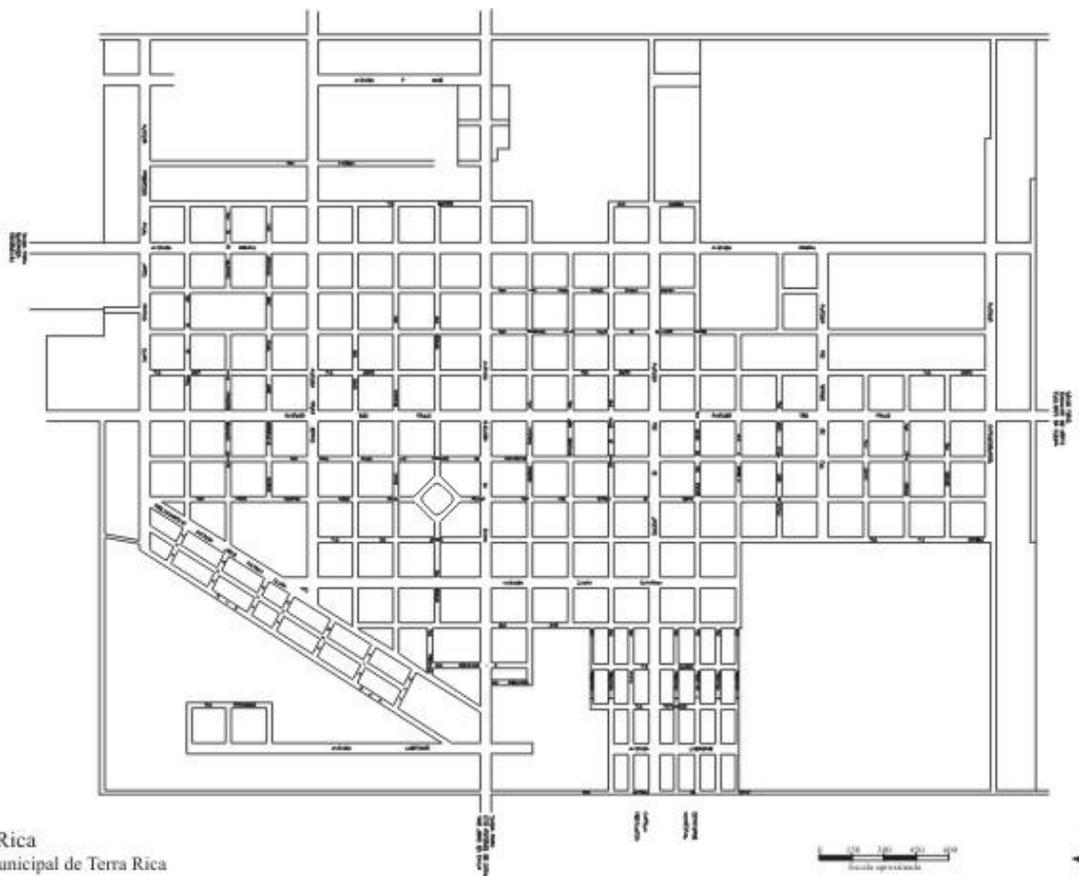
Planta 2 - Querência do Norte
Fonte: Prefeitura Municipal de Querência do Norte

Território e morfologia urbana em pequenas cidades: o que revelam?

Angela Maria Endlich



Planta 3 - Rondon
Fonte: Prefeitura Municipal de Rondon



Planta 4 - Terra Rica
Fonte: Prefeitura Municipal de Terra Rica



Referências (bibliografia citada)

ENDLICH, A.M. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná. Tese de Doutorado (Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2006.

CAPEL, H. La morfología de las ciudades. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002, 544 p.

____. Capitalismo y morfología urbana en España. 4 ed. Barcelona: Amelia Romero, 1983, 142p.